Maria no Movimento dos Focolares também chamado *A Obra de Maria*

Chiara Lubich

Maria no Movimento dos Focolares e o Rosário

CHIARA LUBICH

No dia 28 de abril de 2003, durante o Congresso Mariano Internacional em Castel Gandolfo (Roma), Chiara Lubich apresentou a relação que existe entre a Obra de Maria e o Rosário. Na primeira parte, ela descreve Maria na experiência do Movimento dos Focolares, enquanto na segunda parte apresenta Maria como modelo de perfeição.

No dia 16 de outubro do ano passado, o Papa me entregou pessoalmente uma mensagem, confiando idealmente a todos os focolarinos, a tarefa de cooperar para dar o devido destaque e divulgar o santo Rosário neste ano a ele dedicado.

Agora alguém poderia nos perguntar: quais foram os sentimentos dos membros do Movimento e, especialmente, os seus, diante desse pedido, de tal privilégio?

Em primeiro lugar, senti uma gratidão renovada pelo Papa, que quis demonstrar mais um gesto de confiança em relação à nossa Obra. E, naturalmente, aderi de imediato a essa sua vontade específica. Ao mesmo tempo, senti no meu coração um desejo ardente: descobrir a relação entre uma realidade eclesial, como é a nossa (focalizada na vivência e na irradiação do Evangelho, e contribuir assim, na Igreja, a realizar o testamento de Jesus, ou seja, a unidade), e a difusão dessa devoção gloriosa a Maria.

As primeiras intuições

Lembrei vagamente que Maria, embora fosse sempre amada por nós, por mim, apresentou-se num momento bem determinado, no início do nosso Movimento, quando o Espírito Santo, com um seu carisma novo, começou a irradiar sobre nós a sua luz. Porém, não lembrava mais do que isso. No entanto, intuía que eu devia concentrar justamente ali a minha atenção para obter uma resposta.

A certa altura, contrariando qualquer previsão, no enorme patrimônio de papéis e de documentos da nossa história, eis que encontrei, exatamente naquele dia, um escrito meu dos anos 50 que me deu algumas explicações.

O texto começava com as palavras da canção que acabamos de ouvir aqui, e continuava, em estilo de diário, com as seguintes palavras, que me comoveram: "Um dia, durante um terrível bombardeio, de bruços no chão, coberta de uma densa nuvem de poeira, (...) viva quase por milagre, em meio à gritaria geral, mas calma e cheia de paz, notei que havia experimentado na alma uma dor profunda enquanto corria perigo de vida: a de nunca mais poder recitar a *Ave Maria*.

Naquele momento, não entendi o sentido daquelas palavras. Mais tarde, quando as contas de um 'Rosário vivo' (tratava-se do primeiro grupo de focolarinas) foram se desfiando, e Deus, como que escolhendo rosas entre rosas, foi compondo essa Obra, que hoje é totalmente de Maria, entendi aquele lamento.

Talvez estivesse nos planos de Deus que fosse elevado um louvor a Maria nessa época em que as melhores pedras preciosas foram cravejadas pelos Papas na sua coroa: Imaculada, Assunta, Rainha! Mas essa *Ave Maria*, que eu tinha desejado, devia ser feita de palavras vivas, de pessoas que, como que outras pequenas Maria, dessem ao mundo o amor".

Palavras vivas! Outras pequenas Maria!

Era a luz que eu aguardava. Essa era, e é, a relação fundamental entre a nossa Obra e o Rosário.

Para nós, somente assim até um Rosário recitado teria todo o seu valor, porque louva de modo mais verdadeiro, autêntico, pleno, agradável, melhor quem busca imitar a pessoa louvada.

Para nós, para mim, rezar a *Ave Maria* significava edificar um santuário espiritual, vivo, a Maria, à sua glória, glória que ela, "transparência de Deus", dirige sempre a ele.

Mas, a nossa Obra devia ser, em primeiro lugar, um Rosário vivo; é por isso que, com o instinto sobrenatural, nós lhe demos o nome de "Obra de Maria".

Depois dessa primeira manifestação de Maria, por algum tempo não tivemos nenhuma outra elucidação sobre ela. Pensávamos que ela estivesse agindo conosco como fez na Igreja primitiva: não aparecer para dar todo o espaço a Jesus. E nós a comparávamos a uma porta, a porta que nos conduz a Cristo, e "uma porta – dizíamos - não é porta se não se abre para deixar passar".

Só mais tarde compreendemos que tudo o que aconteceu com o Movimento nascente não seria possível sem a sua influência, sem a sua presença, ainda que velada.

De fato, o novo estilo de vida, a "espiritualidade da unidade", cujos pontos fundamentais o Espírito Santo foi esculpindo no nosso coração com caracteres de fogo, pareceu-nos como que o leite de Maria que nutria a nossa alma.

Pois aquelas verdades, extraídas do Evangelho e vividas por nós: Deus

Amor, a vontade de Deus, a Palavra, o amor ao próximo, Jesus crucificado e abandonado, a unidade, encadeadas uma na outra, viriam a dar-nos a possibilidade, pelo amor mútuo, de "gerar" – como se exprimiu Paulo VI – a presença de Jesus entre nós - "Onde dois ou mais estiverem reunidos no meu nome ("no meu amor", explicam os Padres da Igreja), ali estou eu no meio deles" (Mt 18,20).

Jesus espiritualmente presente entre nós! O mesmo Jesus que, fisicamente, nasceu de Maria. Afirma o Concílio: "(...) Só Maria e o Espírito Santo fazem nascer e crescer Cristo no coração dos fiéis".

Por isso, também naquele período podíamos supor que, com o Espírito Santo, também Maria estava presente.

Esplendores de luz

Mas, quando chegou o momento de ela entrar, por assim dizer, oficialmente no nosso Movimento, então Maria se apresentou - ou melhor, Deus no-la revelou grande – na mesma proporção que ela soube desaparecer. Grande, grande.

Foi no ano de 1949, num período de graças particulares, (provavelmente um período "iluminativo" da nossa história) que Deus disse ao nosso coração algo sobre Maria.

Palavra de Deus

Por exemplo, compreendemos que Maria, inserida como rara e única criatura na Santíssima Trindade, era toda Palavra de Deus, toda revestida da Palavra de Deus. A nossa impressão diante desse conhecimento foi tão forte, que nos pareceu somente os anjos poderem balbuciar algo a seu respeito.

Com efeito, se o Verbo, a Palavra, é o esplendor do Pai, Maria, "substanciada" pela Palavra de Deus, aparecia a nós com uma beleza incomparável.

Afinal, que Maria é toda Palavra de Deus já se nota no Magnificat, cuja originalidade consiste no fato de ser justamente uma sucessão de frases da Escritura: a Virgem se alimentava de tal maneira das Escrituras que, ao falar, estava acostumada a usar as suas mesmas expressões.

Ficou-nos claro que aquilo que caracterizava Maria – embora na sua perfeição ímpar – devia ser o mesmo que qualifica todo cristão: repetir Cristo, a Verdade, a Palavra, com a personalidade que Deus lhe deu.

Ver Maria assim, com a alma, atraiu-nos fortemente; e nasceu em nós um novíssimo amor por ela.

Mãe de Deus

Esse nosso novo amor a Maria, amor ao qual ela respondeu evangelicamente, mostrando-nos de modo ainda mais claro o que a tornava tão grande que mais do que isso é impossível: ser Mãe de Deus, a Theotókos.

Portanto, ela não era só (como pensávamos antes) a jovenzinha pura de Nazaré, a mais bela criatura do mundo, o coração que contém e supera o amor de todas as mães do nosso planeta, mas era a Mãe de Deus.

E foi-nos suficiente uma intuição mínima deste mistério para que nós nos emudecêssemos em adoração e agradecimento a Deus, por ter realizado tanto em uma criatura.

De fato, compreendendo-a desse modo novo, tivemos a impressão de que Maria nos desvelasse uma dimensão sua que, até então, ignorávamos quase completamente.

Para fazer uma comparação, antes víamos Maria diante de Cristo e dos santos como no céu se vê a lua (Maria) diante do sol (Cristo) e das estrelas (os santos). Agora não: a Mãe de Deus abraçava, como um enorme céu azul, o próprio sol, o próprio Deus.

Deus, no Seu amor ilimitado por essa criatura privilegiada, de certo modo tinha-se "feito pequeno" diante dela. Ele "despojou-se de Si mesmo" (cf. Fl 2,7), afirma são Paulo de Jesus. E isso teve início no seio de Maria.

Lembro que, depois de compreendermos, ao menos um pouco, o quanto ela era grande, tínhamos vontade de gritar a todos: só agora conhecemos Maria!

Ver Maria como Palavra de Deus sempre nos pareceu rico de conseqüências, por exemplo, no âmbito ecumênico. Que alegria sentem nossos irmãos evangélicos, ligados ao Movimento, quando a descobrem assim: a "personificação" das Escrituras, que eles tanto valorizam.

E, ao mesmo tempo, se Maria é Palavra de Deus, todos podem compreender por que certos cristãos a vêem, a veneram e a seguem como a própria líder, depois de Cristo; porque a cantam, pintam, dedicam a ela versos.

No entanto, é claro que, se Maria é também Mãe de Deus, ela é também muito diferente de todos os outros cristãos. Se o próprio Deus a embelezou a ponto de encontrar nela graça, de exaltá-la, como dizem as palavras do Anjo: "... Ó cheia de graça, o Senhor é contigo" (Lc 1,28), cabe-lhe um lugar especial.

Assim compreende-se por que, nas igrejas católicas e ortodoxas, há imagens de Maria, e adquire significado toda manifestação de honra e de carinho que os homens lhe dirigem.

A Desolada

Além disso, há um aspecto de Maria que atraiu o interesse do Movimento desde que ele nasceu. É a Virgem na sua relação com o sofrimento: Nossa Senhora das Dores, como é popularmente chamada. Nós a chamamos a Desolada. Desolada, nome que evoca a solidão que, muitas vezes, Maria teve de enfrentar na vida, especialmente aos pés da cruz, sempre sabendo perder tudo para fazer-se um com a vontade de Deus.

Quando Jesus, indicando João, lhe disse: "Mulher, eis o teu filho" (Jo 19,26), Maria viveu a terrível provação de perder Jesus, não só porque Ele estava morrendo, mas também porque um outro deveria tomar o seu lugar: sofrimento terrível para o coração de uma mãe.

CamScanner

Ela pronunciou então um "Fiat" (um "sim") diferente do primeiro. Com o primeiro, na Anunciação, ela, tendo-se consagrado virgem a Deus – como se acredita – desde pequena, por toda a vida, pareceu ter que modificar os próprios planos. E tornou-se mãe de Jesus, permanecendo virgem.

Com o segundo "Fiat" ("sim"), no Calvário, renunciou a Jesus, e somente assim tornou-se mãe de todos; passou a ser mãe de uma infinidade de homens.

Pio XII afirma: "...Ela (...) ofereceu (Jesus) ao Eterno Pai no Gólgota, juntamente com o holocausto dos seus direitos maternos e do seu amor materno (...). Assim, Aquela que quanto ao corpo era Mãe da nossa Cabeça pôde tornar-se, quanto ao espírito, Mãe de todos os seus membros".

Maria, nosso modelo

Lembro-me de que, depois dessas iluminações – se assim podemos chamá-las –, pelo amor que ela demonstrou ter por nós e pelo amor a ela que cresceu no nosso coração, aconteceu conosco o que dissera, ainda criança, Santa Teresa de Lisieux: "Percebi (...) que eu era sua filha (de Maria) e por isso só podia chamá-la: 'Mamãe'".

Demo-nos conta também – num modo que nunca poderemos esquecer – de que Maria era a nossa mãe. Ou melhor, essa convicção, que então brotou foi tão forte que nos fez sentir Maria "mais mãe do que as nossas mães".

Maria foi um poço de tantas inspirações na nossa vida que agora só é possível enumerar. Como quando, intuindo o significado do nome atribuído a ela: Mãe do Belo Amor, compreendemos que ela desejava que também nós participássemos de algo da sua maternidade de amor. Ou como quando veio em relevo para nós o fato de ela ser serva de Deus, criatura mínima diante dele, recolhida e em adoração. Ou quando nos pareceu compreender melhor o quanto ela, instruída pelo Filho, amava o Pai. Que ela era verdadeiramente a Filha por excelência, "a filha predileta do Pai", como é definida pelo Concilio Vaticano II, extraordinariamente bela, a Mulher de amor, como nos foi espontâneo defini-la.

Depois, ficou-nos clara a "exemplaridade" de Maria, a sua "tipicidade". Ela representava o nosso modelo, o "dever ser", enquanto víamos cada um de nós como um "poder ser" Maria.

Por isso, cada um de nós vislumbrava a possibilidade de se tornar uma pequena Maria, semelhante a ela, como uma filha que tem unicamente os traços de sua mãe. Essa convicção foi confirmada por um episódio singular.

Um dia, alguns anos depois, impelida, creio eu, pelo Espírito Santo, entrei numa igreja e, com o coração cheio de confidência, perguntei a Jesus por que ele quis permanecer na terra, em todos os pontos da Terra, na dulcíssima Eucaristia, e não encontrou um modo de deixar aqui também sua Mãe, para nós que precisamos de ajuda na viagem da vida.

Do sacrário, no silêncio, ele parecia responder: "Não a deixei, porque quero revê-la em ti (em vós). Mesmo que não sejais imaculados, o meu Amor vos purificará, vos virginizará, e vós abrireis braços e corações de mães à humanidade, que, como outrora, tem sede de seu Deus e da Mãe dele.

A vós, ora, cabe lenir as dores, sanar as chagas, enxugar as lágrimas.

Cantai as ladainhas e procurai espelhar-vos nelas".

Lembro ainda que, um dia, pedi a Maria que formasse para si na Terra uma família de filhos e filhas todos iguais a Ela, com a sua mesma fisionomia espiritual. E quem sabe se não foi por aquela oração, talvez sugerida por ela mesma, que Maria olhou para nós, apesar da nossa absoluta indignidade.

É o que afirma o nosso Estatuto, aprovado pela Igreja em 1990. Ele diz que a Obra de Maria "deseja ser – na medida do possível – uma presença de Maria sobre a Terra e como que uma sua continuação".

Um novo caminho

Maria é o modelo e a forma da Igreja, e por isso é evidente que, em tão sublime criatura, todos os cristãos podem encontrar o próprio modelo. Foi assim também para nós. Com efeito, descobrimos em Maria a nossa forma, o modelo do nosso caminho de perfeição.

E os diversos momentos da sua vida, apresentados pelo Evangelho, mesmo sendo extraordinários, delinearam-se como etapas sucessivas para as quais o nosso espírito podia olhar nas diferentes idades da vida do espírito, para delas receber luz e estímulo.

E a iluminação foi tão intensa que chamamos a nossa estrada: "Via Mariae, o caminho de Maria".

Eis algumas etapas, em uma síntese máxima, feita quase só de tópicos.

Um primeiro episódio da vida de Nossa Senhora é a *Anunciação* (Lc 1,25 ss), quando o Verbo se encarna em seu seio.

Se procurarmos entender a vida de certos santos, veremos que algo semelhante aconteceu também com eles.

Quando se visita a Igreja de São Damião, em Assis (na Itália), onde Santa Clara viveu, é provável que o guia, mostrando aquele lugar sagrado, diga: "Aqui Cristo encarnou-se no coração de Clara". Embora Clara de Assis já fosse anteriormente uma cristã fervorosa, o encontro com São Francisco (que personificava a palavra "pobreza", repetida ao mundo, em virtude de um carisma do Espírito) provocou nela um fenômeno novo: fez desenvolver e crescer Cristo na sua alma, até transformá-la numa das maiores santas da Igreja Católica.

Assim, quando alguém depara com o carisma da unidade e consente torná-lo próprio, acontece também nele algo de semelhante ao que aconteceu com Maria e com certos santos: Cristo, em seu coração, pode de fato crescer espiritualmente, como por uma atualização do Batismo.

Scanned by CamScanner

O segundo episódio da vida de Maria é a sua *visita a Isabel* a fim de ajudá-la. Porém, assim que chega, encontrando na sua parenta uma alma aberta aos mistérios de Deus, sente que lhe pode comunicar o seu grande segredo, e Maria o faz com o *Magnificat*, narrando, desse modo, a Isabel a sua extraordinária experiência.

Todas as pessoas que conhecem o Movimento e escolhem Deus como ideal da própria vida observam que, para concretizar essa escolha, devem começar a amar. E amam. Mas o amor é luz. E elas compreendem alguma coisa sobre a ação de Deus presente nelas, reconhecem pela primeira vez o fio de ouro do seu amor em suas vidas. E contam aos irmãos, com alegria, o que compreenderam. É essa a sua experiência.

O terceiro acontecimento da vida de Maria é o *nascimento de Jesus* (Lc 2,7; Mt 1,25).

No Movimento, nós amamos e somos amados, porque todos desejam amar. Mas esse amor mútuo produz a presença de Jesus entre os homens, sendo – como já acenei –, um "gerar Cristo" imitando Maria.

Maria apresenta o Filho no Templo e encontra o velho Simeão. É um momento de alegria para Maria, porque aquele homem, justo e piedoso, confirma que o menino é Filho de Deus. Todavia, é também um momento de dor, pois Simeão lhe diz: "Uma espada te traspassará a alma" (Lc ,35).

Também quem vive a espiritualidade do Movimento passa por um momento semelhante.

É quando lhe é anunciado que, para poder caminhar por esta estrada, é necessário dizer "sim" à cruz. É o anúncio do mistério de Jesus Crucificado e Abandonado como essencial para a vida de unidade.

Depois das palavras de Simeão a Maria, ela experimentou cedo o sofrimento, na *fuga para o Egito* (Mt 2,13 ss), sendo vítima de uma perseguição que se manchou do sangue de muitos inocentes.

O mesmo, nas devidas proporções, acontece com aqueles que seguem o caminho de Maria. O Ideal que eles vivem e apresentam ao mundo está em antítese com este último. Não deve surpreender se, quando começam a difundí-lo, ele é atacado pelas primeiras críticas. É preciso então reagir, amando em todas essas cruzes Jesus crucificado e abandonado, o perseguido por excelência, a fim de que o Ressuscitado continue a resplandecer no coração.

Jesus, aos 12 anos, *fica em Jerusalém* e fala aos doutores no Templo.

Maria, ao encontrá-lo, lhe diz: "Filho, por que fizeste isto conosco? Olha, teu pai e eu estávamos angustiados, à tua procura" (Lc 2,48). E Jesus responde: "Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu devo estar naquilo que é de meu Pai?" (Lc 2,49).

Chegamos a uma nova etapa da vida de Maria, em cujo estado de ânimo podemos distinguir uma analogia com um período típico da vida dos que se encaminham por esta estrada. De fato, eles – talvez depois de anos –, sentem, com aguda insistência, que

afloram novamente várias tentações, uma dolorosa aridez, que, como efeito do carisma que abraçaram, há muito tinham desaparecido.

Sofrem com isso e, dirigindo-se ao Senhor, dizem: "Por que te afastaste de mim?" Então, Ele parece responder: "Mas não sabias que tudo o que experimentaste de belo e de bom era meu e que o recebeste unicamente por graça?"

E, assim, formam-se nas almas os alicerces de humildade, necessários para que Cristo possa viver e crescer. Provavelmente, é o período da chamada "noite dos sentidos", de que falam os místicos.

Também para Maria, a perda de Jesus no Templo constituiu de certa maneira uma "noite dos sentidos": já não o via, já não ouvia a sua voz. A presença de Jesus subtraíra-se ao seu amor de mãe.

Depois dessa provação, pelo que sabemos, Maria vive um longo período de *intimidade familiar com Jesus*.

Paralelamente, todos aqueles que aceitam humildemente e superam as provações anteriores, encontram muitas vezes uma união com Jesus nova e mais profunda.

Esse período, no qual também não faltam as cruzes, pode durar muito.

Em seguida, Jesus sai à vida pública. E Maria o acompanha na sua missão, com o coração e, às vezes, de perto.

Tudo isso recorda às pessoas do Movimento aquela fase da própria vida espiritual em que, pelo hábito adquirido de escutar a voz de Jesus no coração, percebem-na como própria e a seguem.

Jesus, durante a vida pública, pronunciou palavras de vida eterna, fez milagres, formou discípulos, fundou a Igreja.

Também as pessoas do Movimento que chegaram a esse ponto assistem a fatos análogos realizados por Jesus nelas ou entre elas. Também nelas ele pronuncia palavras que têm o sabor da Eternidade.

Também por meio delas realiza, por exemplo, milagres de conversão; também a sua presença nelas sabe moldar seus discípulos e dar origem a novos desenvolvimentos do Reino de Deus.

E, para Maria, chega a hora da imolação: é a *Desolada*. Já falamos sobre isso.

No Movimento, sofrimentos semelhantes aos de Maria não faltam.

Podem-se constatar, de fato, em alguns dos seus membros, autênticos sintomas da "noite do espírito", quando, por exemplo, Deus permite que passem a terrível provação de serem abandonados por Ele, ou quando parece que a fé, a esperança e a caridade se apagam.

E depois da desolação? Maria permanece no centro do *Cenáculo*, com todo o seu carisma de maternidade para com os Apóstolos, ao lado de Pedro, que Jesus constituiu o cabeça deles.

Maria já não "segue" Jesus. Agora, depois da vinda do Espírito Santo, de certo modo, transformou-se nele.

E, como outro Cristo, também ela coopera, à sua maneira, para a expansão da Igreja.

Transformada n'Ele

A essa meta, nas devidas proporções, visam também aqueles que vivem a espiritualidade da unidade, e podem chegar a ela.

É aquela etapa classificada pelos místicos como "união transformante"; quando "as figuras de Marta e de Maria se unem"; assim, uma atividade muito particular pelo bem da Igreja une-se a uma contemplação especialíssima.

E, finalmente, a hora da *Assunção*, quando Deus chama Maria para o Céu.

Somente quem a experimentou sabe alguma coisa sobre essa etapa. Santa Clara de Assis, antes de morrer, pronunciou esta frase: "Vai tranqüila, minha alma, porque tens um bom companheiro de viagem. Vai, porque Aquele que te criou, te santificou (...), te amou com carinho. E tu, Senhor – acrescentou – sê bendito, pois me criaste". Ela queria talvez dizer: "porque, tendo-me criado, tu suscitaste a tua glória". E a morte de Santa Clara pode ter sido uma morte de amor.

Deus queira que também para nós seja assim!

Então, também nós iremos encontrar a nossa Mãe, a nossa santa, o nosso modelo, Aquela que, aqui na Terra, foi a nossa Líder, Rainha, Mãe.

Esse é o caminho de Maria, um caminho que cada um percorre de maneiras diferentes, de acordo com a sua correspondência e com as graças que Deus livremente derrama a quem Ele deseja.

São essas, pelo que foi exposto, em extrema síntese, algumas idéias sobre Maria, tal como é vista na sua Obra: Obra de Maria, o Rosário vivo que somos chamados a formar.

Rosário vivo, o nosso Movimento, o qual, desde que surgiu na Terra em 1943, nunca deixou de se nutrir, de se sustentar, de compassar o próprio caminho com a recitação do Rosário, com os seus mistérios de alegria, de dor, de glória. Agora foram acrescentados os "Mistérios da Luz", e ficou mais bela, mais plena, mais completa a contemplação de Cristo, por meio dos olhos de Maria.

Obrigada, Santo Padre, pelo que fez por esta gloriosa oração a Maria.

E a ti, minha mãe, nossa mãe, mãe de todos os homens e mulheres do nosso planeta, deixa que eu repita: "Se alguma vez, ao entoar o Rosário, uma torrente de Céu nos envolve, e o mundo inteiro, por mais belo que seja, empana-se diante de tamanha beleza, o que será encontrar-te, Maria?"